



**Faculdade Nova
Esperança de Mossoró**
De olho no futuro

**FACULDADE NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

TALYTA ATALYA ELIAS DA SILVA

**ENFERMAGEM E AUTISMO NO PROGRAMA SAUDE NA ESCOLA: TECENDO
UMA DISCUSSÃO EM TORNO DESSA RELAÇÃO**

MOSSORÓ/RN

2021

TALYTA ATALYA ELIAS DA SILVA

**ENFERMAGEM E AUTISMO NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: TECENDO
UMA DISCUSSÃO EM TORNO DESSA RELAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN) como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Orientador: Alberto Assis Magalhães

MOSSORÓ/RN

2021

Faculdade Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN. Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

S586e Silva, Talyta Atalya Elias da.

Enfermagem e autismo no Programa Saúde na Escola: Tecendo uma discussão em torno dessa relação / Talyta Atalya Elias da Silva. – Mossoró, 2021.

38 f.

Orientador: Prof. Esp. Alberto Assis Magalhães. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade Nova Esperança de Mossoró.

1. Enfermagem. 2. Autismo. 3. Criança. 4. Família. 5. Escola. I. Magalhães, Alberto Assis. II. Título.

CDU 616-083:616.89-008

TALYTA ATALYA ELIAS DA SILVA

**ENFERMAGEM E AUTISMO NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: TECENDO UMA
DISCUSSÃO EM TORNO DESSA RELAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade Nova Esperança de Mossoró
(FACENE/RN) como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Aprovado em ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Alberto Assis Magalhães
Orientador
FACENE

Prof.^a Stheshy Vieira e Souza Oliveira
FACENE

Prof.^a Cindy Damaris Gomes Lira
FACENE

Aos meus pais, e ao meu
avô Pedro Luiz Elias (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

São muitos agradecimentos, pois essa foi uma longa e difícil caminhada marcada muitas lutas e hoje conquisto meu sonho. Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado e me colocado firme por tantas vezes que pensei em desistir, por ter me conduzido e colocado sempre no caminho certo abençoando-me, toda honra e toda glória seja dada a Ele.

Agradeço a minha família, começando pelos meus pais por estarem sempre ao meu lado, especialmente a minha mãe que mesmo pobre e trabalhando muito sempre me ajudou em todos os aspectos, e também lutou comigo até o último momento me ajudando e dando forças para continuar, chegando sempre com muito amor e carinho nos momentos que eu mais precisei.

Agradeço também ao meu pai por toda dedicação, que mesmo diante das dificuldades financeiras, sempre manteve-se digno e honesto. Meu profundo agradecimento a ele que me criou e me deu a educação para ser a mulher que sou hoje. Aos meus avós paternos e maternos, agradeço pelo o apoio de sempre. Aos demais familiares e amigos que de alguma forma demonstraram apoio, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos.

Dedico esse trabalho aos meus pais, e ao meu avô Pedro de Luiz Elias que perdi esse ano, mas que estaria muito feliz e grato em ver sua neta mais velha se formando. Vovô o senhor é a estrela que me ilumina ai de cima, te amo. Obrigada meu Deus, tudo é para ti, amém.

“Porque nada é impossível para Deus”

Lucas (1:37)

RESUMO

A discussão sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem ganhando bastante visibilidade nos últimos tempos, isso porque nos dias atuais as alterações comportamentais que antes eram entendidas como introversão ou hiperatividade, ou até mesmo retardo, hoje são sintomas que podem indicar a presença do autismo. Assim, cada vez mais pesquisas tem sido feitas levando a descobertas e avanços que tem contribuído bastante com o desenvolvimento das pessoas com autismo. Porém, todo o cenário que cerca a criança com TEA não apresenta ações articuladas que contribuam com o seu desenvolvimento. Ainda hoje, cada instituição toma atitudes isoladas com relação ao tratamento e a forma de lidar com as pessoas com autismo. Nesse sentido, o presente estudo tem como título “Enfermagem e autismo no Programa Saúde na Escola: tecendo uma discussão em torno dessa relação”, e objetiva refletir sobre a relação do enfermeiro com a criança autista, identificar o espaço do enfermeiro no ambiente escolar, além de buscar entender qual o papel do bacharel em enfermagem no desenvolvimento da criança autista. Para buscar os objetivos, optou-se pela modalidade de pesquisa qualitativa, partindo de um levantamento bibliográfico, e a partir disso foi feita uma revisão narrativa da literatura, onde os principais autores que utilizamos para a construção do trabalho foram: Mello (2013), Brasil (2015) e Souza (2018), entre outros. Por meio deste estudo tornou-se possível perceber que a formação do bacharel em enfermagem precisa dar um pouco mais de atenção a orientação e cuidados com a criança autista e a família da mesma. Espera-se que as concepções apresentadas e discutidas neste trabalho, possibilitem um momento reflexão principalmente aos profissionais da enfermagem, para que os mesmos venham a fazer uma autoanálise e questionar-se sobre sua postura, no sentido de estar ou não fazendo tudo o que está ao seu alcance para auxiliar no cuidado a criança autista.

Palavras-Chave: Enfermagem. Autismo. Criança. Família. Escola.

ABSTRACT

The discussion about Autistic Spectrum Disorder has recently achieved enormous visibility, it happens because nowadays behavioral changes that were previously understood as introversion, hyperactivity, or even delay, today are symptoms that may indicate the presence of autism. Thus, more and more research has been done leading to discoveries and advances that have contributed to the development of people with autism. However, the whole environment surrounding the child with ASD does not have articulated actions that contribute to their development. Even today, each institution takes isolated attitudes towards treatment and how to deal with people with autism. In this sense, this study is entitled "Nursing and autism in the Health at School Program: weaving a discussion around this relationship" and aims to reflect on the nurse's relationship with the autistic child, identify the nurse's space in the school environment, in addition, try to understand what the role of the bachelor of nursing in the development of the autistic child is. To achieve the objectives, the qualitative research modality was chosen, based on a bibliographic survey, and from that, a narrative review of the literature was made, were the main authors used for the construction of the work: Mello (2013), Brasil (2015) e Souza (2018), between others. Through this work, it became possible to realize that the formation of the bachelor in nursing needs to give more attention to guidance and care for the autistic child and their family. It is expected that the conceptions presented and discussed in this work allow a moment of reflection mainly to the nursing professionals, so that they do a self-analysis and question themselves about their posture, in the sense of doing or not everything within their reach to assist in the care of the autistic child.

Keywords: Nursing. Autism. Child. Family. School.

LISTA DE SIGLAS

AMA – ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA

PSE – PROGRAMA SAÚDA NA ESCOLA

SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVOS.....	12
2.1 Geral.....	12
2.2 Especificos.....	12
3. METODOLOGIA.....	13
3.1 Pesquisa bibliográfica.....	13
3.2 Pesquisa qualitativa.....	14
3.3 Revisão narrativa.....	15
4. ATUAÇÃO NO PSE.....	16
4.1 Analisando o caderno gestor do Programa Saúde na Escola.....	16
4.2 Enfermeiro no PSE.....	19
4.3 Autismo no PSE.....	21
5. O ENFERMEIRO FRENTE A CRIANÇA COM AUTISMO.....	23
5.1 Enfermagem e autismo.....	23
5.1.2 De onde parte essa relação no âmbito escolar.....	24
5.2 Autismo na Escola: Um apanhado geral do que nos trouxe a atual situação...25	
6. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA.....	31
7.1 O autismo e a família.....	31
7.2 Desafios, autismo e superação: PSE como guia para o enfrentamento de conflitos.....	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFENCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Um tema que vem ganhando bastante espaço nas discussões na área da saúde nos últimos tempos é o Transtorno do Espectro Autista, que parece ser cada vez mais recorrente nos dias de hoje. Há quem diga que o autismo, como é chamado, começou a aparecer com mais frequência nessa geração do que em outras passadas, e de fato, hoje, vemos muito mais crianças autistas do que a vinte anos atrás. Mas isso não quer dizer que tal condição tenha aumentado, e sim, que algo que era entendido como normal ou mera introversão, deixou de ser tratado de forma simplista.

O transtorno do espectro autista se caracteriza principalmente por meio de alterações comportamentais desde muito cedo, assim, a família tem o primeiro contato com o indivíduo com autismo, e posteriormente os profissionais da área da saúde, dentre eles o enfermeiro. A discussão sobre o autismo requer conhecimentos sobre suas características, e por esse motivo, torna-se algo tão complexo para as famílias lidarem no começo. (BRASIL, 2015)

Assim, quando se tem como objeto de estudo o autismo, é preciso considerar também a família, como parte do processo de reflexão. Além dos demais espaços em que o indivíduo autista se insere, incluindo o espaço escolar. Dessa forma, não existe um ambiente mais ou menos importante no cuidado da pessoa autista, pois todos os envolvidos no processo de seu desenvolvimento tem um papel fundamental tendo em vista que o objetivo é melhorar a qualidade de vida e amenizar as alterações comportamentais que dificultam o processo evolutivo do indivíduo.

No entanto, desde a sua descoberta, o autismo tem sido alvo de pesquisas e discussões, embora que as ações tenham ganhado mais espaço recentemente, que além da área da saúde, desaguam também na área da educação. A partir disso, este estudo divide-se em três capítulos, onde o primeiro trata da atuação do enfermeiro no PSE, e desenvolve-se em três seções onde primeiramente é analisado o documento do PSE, onde se expõem detalhes de sua proposta. A segunda seção do primeiro capítulo discute o papel do enfermeiro no programa e a terceira seção discute o autismo no programa.

No segundo capítulo, se discute o enfermeiro frente a criança autista, começando pela primeira seção que trata exatamente do enfermeiro e o autista, e na segunda seção se questiona de onde parte essa relação. A terceira seção do segundo capítulo é sobre o autismo na escola, onde será possível discutir a jornada da criança autista na escola envolvendo as possibilidades e desafios enfrentados no processo.

O terceiro capítulo é voltado para o papel da família e quais os desafios enfrentados pela mesma quando se descobre a existência de uma pessoa com autismo em seu seio. E no último ponto, serão discutidos os desafios da convivência com a pessoa com autismo, considerando profissionais de educação, saúde e familiares, colocando o PSE como guia de enfrentamento desses desafios.

Com tudo, a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa partiu do seguinte questionamento: “de que maneira o enfermeiro pode contribuir para o desenvolvimento da criança com autismo por meio do programa saúde na escola?”. Partindo disso, este estudo busca tecer reflexões sobre a atuação do bacharel de enfermagem no trabalho com as crianças com autismo, tendo como cenário não somente o espaço hospitalar, mas também o espaço escolar levando em consideração também a família da criança com autismo. Pretende-se aqui é realizar uma revisão bibliográfica acerca da atuação do enfermeiro frente a criança autista, e dentro disso identificar qual é o papel do enfermeiro na escola exercido por meio do PSE.

O desenvolvimento desse estudo justifica-se pela necessidade crescente dos enfermeiros, encontrarem uma maneira de estreitar laços com a família e a escola a fim de promover um ampliamto das reflexões sobre as pessoas com autismo. Sobre sua relevância acadêmica, pode-se dizer que o trabalho resultante desse projeto pode ser usado para nortear as ações do enfermeiro ao se relacionar com a criança com autismo no âmbito escolar através de programas como é o caso do Programa Saúde na Escola.

Como justificativa pessoal, destaca-se uma paixão pelo autismo, que teve início ao conhecer um familiar autista, que tornou possível a observação do seu desenvolvimento que transcorre de forma complexa e conseqüentemente, caracteriza-se como um desafio para aqueles que convivem com esse indivíduo com autismo do qual tomo com inspiração. A existência de um grau de parentesco muito próximo (primos) deu a oportunidade de conhecer algumas características interessantes que chamaram atenção e despertaram grande interesse pelo processo evolutivo de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

E por último, tem-se todo um contexto social que ainda não sabe exatamente como lidar com indivíduos com TEA, de maneira que este trabalho pode vir a ser uma maneira de conhecer melhor esse grupo de pessoas com esse transtorno e saber como lidar com os mesmos, oportunizando uma maior inclusão social. Para além disso, a realização dessa pesquisa justifica-se pela necessidade crescente do enfermeiro realmente conhecer e compreender o seu papel no que concerne a criança com autismo, tendo como foco o seu desenvolvimento, tendo como ponto de partida o Programa Saúde na Escola. O momento atualmente vivenciado, caracterizado

pela pandemia e pelo ensino remoto não permite uma aproximação e uma observação *in loco* do ensino e das ações do PSE, no entanto é possível trilhar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema.

A convivência com a criança autista é uma realidade na maioria dos espaços escolares, são números que vem crescendo gradativamente nos últimos anos. Tal situação não carrega apenas a necessidade de professores qualificados, mas acima de tudo demanda uma articulação entre os agentes envolvidos no processo de desenvolvimento da pessoa autista. Para além disso, existe uma necessidade crescente de o bacharel em enfermagem estabelecer uma relação mais estreita e menos indiferente com a pessoa autista e seus familiares, e também com o ambiente escolar, pois o enfermeiro pode trazer diversos conhecimentos relacionados ao cuidar que são extremamente relevantes para o crescimento do indivíduo.

É importante também analisar o Programa Saúde na Escola, pois ele é um meio que o profissional de enfermagem tem de se aproximar das demais esferas sociais em que a criança autista convive, e adquirindo mais conhecimentos sobre o transtorno é possível ajudar os familiares e colegas a saber lidar com a criança com TEA. Vale ressaltar que a infância é um período extremamente importante na vida de qualquer pessoa, já que é nessa fase onde se constrói a sua relação com o mundo e sua personalidade, assim, além de ser importante para a criança autista ter uma orientação, também é importante para os seus colegas, para que possam conhecer realmente as características do transtorno e evitar preconceitos.

É preciso destacar os poucos conhecimentos teóricos e práticos que os profissionais de enfermagem tem em relação ao transtorno do espectro autista e sua inserção na sociedade, o que leva a uma situação onde o enfermeiro sente dificuldade em lidar com a família e com a criança autista (OLIVEIRA, 2019). Tal questão evidencia ainda mais a necessidade de um estudo como este, que pode contribuir de inúmeras formas na maneira em que os profissionais de enfermagem lidam com os desafios advindos do transtorno do espectro autista.

Ainda não se tem uma relação bem articulada entre o espaço escolar e a saúde, e provavelmente, até que isso seja possível ainda teremos que passar por processos bastante desgastantes, pois o que podemos notar facilmente é que cada um dos ambientes em que o indivíduo com TEA está, ainda trabalha de maneira bastante isolada, desfavorecendo o desenvolvimento integral do paciente.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Realizar uma revisão bibliográfica acerca da atuação do enfermeiro frente a criança autista no Programa Saúde na Escola.

2.2 Específicos

- Pesquisar acerca da relação do enfermeiro com a criança autista;
- Identificar qual o espaço do enfermeiro no ambiente escolar segundo o programa Saúde na Escola;
- Entender qual o papel do bacharel em enfermagem no desenvolvimento da criança autista segundo o Programa Saúde na Escola;
- Discutir sobre a importância da família no desenvolvimento de crianças com TEA.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico é de extrema relevância para o desenvolvimento da pesquisa, e pode ser definido como um conjunto de etapas e/ou instrumentos utilizados pelo pesquisador, que se configuram nos métodos. Para que a realização dessas etapas seja possível, é muito importante reconhecer a importância do planejamento em todo o processo, definindo muito bem os objetivos e tendo em mente que no decorrer do processo podem haver variáveis. Sobre a pesquisa científica, Fonseca (2002, p.20) coloca que:

A pesquisa é uma atividade nuclear da ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo terminantemente inacabado. Processa-se através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos.

Assim, o pesquisador não deixa de ser um cientista, que busca desenvolver novos conhecimentos sobre um determinado tema, de onde podem surgir cada vez mais novas linhas de pesquisa, pois o ciclo da pesquisa nunca se fecha totalmente. E nesse sentido, buscamos aqui as bases para intervir no mundo real, na medida em que busca-se com esta pesquisa contribuir com o trabalho do bacharel em enfermagem.

3.1 Pesquisa bibliográfica

Um trabalho como este só pode ser desenvolvido mediante a realização de uma pesquisa que sirva de embasamento para tudo aquilo que é mostrado aqui. Sabe-se que principalmente na área da saúde não se pode simplesmente afirmar algo sem que tenha sido feita uma busca, que possa servir de base para as discussões apresentadas. Nesse sentido, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de buscar subsídios para a discussão sobre a enfermagem e o autismo.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 31)

Dessa forma, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica sobre o autismo e enfermagem, tendo como ponto de partida o documento que norteia as ações do Programa

Saúde na Escola, a fim de compreender como deve se desenvolver essa relação. Nesse caso, a construção de todo trabalho deu-se a partir dessa modalidade de pesquisa, que é também bastante interessante para os nossos objetivos, já que buscava-se conhecer aquilo que já acontece a fim de buscar melhorias para o trabalho dos próximos bacharéis em enfermagem e consequentemente as crianças com autismo.

Outra questão que influenciou bastante na escolha da modalidade de pesquisa, foi a questão de se estar vivenciando uma pandemia, que não permitiria uma pesquisa de campo envolvendo o ambiente escolar, as crianças com autismo e os profissionais de saúde. O isolamento social acaba por limitar a extensão das pesquisas, e por segurança optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, que não deixa de ser importante e interessante para o tema escolhido, pois muitas ideias ficam guardadas nos artigos e nem chegam a ser discutidas. Nesse sentido, uma pesquisa bibliográfica vem trazer à tona todas as ideias e discussões que os livros e artigos expõem sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica aqui foi fundamental em todas as etapas da construção do trabalho. Por meio dela, foi possível coletar diversas ideias e discuti-las, além de dar a oportunidade de estabelecer comparações e confrontar as concepções apresentadas por diferentes autores. Adotar o documento gestor do PSE também se mostrou um importante momento da pesquisa bibliográfica, já que a partir do estudo do mesmo, foi possível notar o que se espera do profissional de saúde em relação as suas ações no âmbito escolar e familiar.

3.2 Pesquisa qualitativa

Quanto a abordagem optou-se pela pesquisa qualitativa, pois a mesma mostrou-se pertinente na medida em que os objetivos da pesquisa incluíam questões que não poderiam ser discutidas por meio de números. A pesquisa qualitativa não se preocupa em quantificar os dados, mas sim com a compreensão da situação e do ambiente que se pretende pesquisar (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Não que a pesquisa quantitativa não seja relevante para o tema, pois a partir daqui podem ser geradas muitas questões para novas investigações, inclusive podendo envolver números. Entretanto, na discussão proposta neste trabalho, optou-se por lançar um olhar sobre questões relacionadas as vivencias a fim de gerar contribuições para o desenvolvimento da pessoa com autismo de modo geral.

Assim, ao utilizar a abordagem qualitativa, o pesquisador visa encontrar explicações para determinados acontecimentos, assim como soluções para determinado problema social e

ainda visa contribuir em uma determinada questão. Os dados coletados aqui não podem ser medidos, mas sim, analisados e discutidos, por tanto o desenvolvimento e os resultados são imprevisíveis. A preocupação deste tipo de pesquisa é, principalmente, a realidade. Por isso que a partir das informações coletadas e discutidas abria-se um universo de significados e também de novas questões que mereciam atenção. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009)

3.3 Revisão narrativa

Para o desenvolvimento desta pesquisa tornou-se interessante utilizar do método de revisão narrativa, por se tratar de um tema do qual buscar-se-ia entender primeiramente a forma que o autismo é entendido e tratado no Brasil, e também o papel do enfermeiro diante de tal cenário. Para isso, foram lidos e selecionados diversos artigos e livros que tratassem do tema, e para a partir deles conhecer as ideias sobre o tema escolhido.

Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual. As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos⁽¹⁾ Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor. (ROTHER, 2007, p. 02)

Neste estudo que traz considerações sobre a enfermagem e o autismo, a família e a escola, foi necessário buscar publicações que falassem separadamente de cada um desses pontos, pois não existe muito material produzido que fale exatamente do tema proposto. Assim, tem-se aqui uma seleção de diversas publicações, que deram subsídios para as discussões sobre a temática proposta. Parte-se primeiramente do documento do Programa saúde na Escola (BRASIL, 2015), por isso a primeira seção do capítulo teórico inicial cita bastante o programa, por ser uma análise do mesmo, e é a partir dessa análise que serão apresentadas as próximas discussões.

Em sequência vão sendo apresentadas as demais concepções, baseadas principalmente em Calvão da Silva (1999), Mello (2013), Barbosa Silva (2012), Nogueira (2011), entre outros. As ideias vão sendo gradativamente apresentadas, relacionadas e discutidas. Esse tipo de revisão tem um papel fundamental na construção do conhecimento, pois seleciona e expõe um compilado de informações sobre um determinado tema de maneira crítica e construtiva. (ROTHER, 2007)

4 ATUAÇÃO NO PSE

4.1 Analisando o caderno gestor do Programa Saúde na Escola

Falar sobre o ambiente escolar e os indivíduos que fazem parte do processo de ensino, também é falar sobre os possíveis transtornos de aprendizagem que podem ser identificados durante o processo de ensino e aprendizagem. Por ser um espaço de convivência diária, torna-se possível que os professores identifiquem comportamentos diferenciados e falhas ou retardos na forma que o aluno aprende.

No entanto, a sala de aula não é local para diagnósticos, e sim serve como ponte para o encaminhamento da criança para um especialista seguido de um acompanhamento médico. Nesse sentido, temos o Programa Saúde na Escola, que:

Vem contribuir para o fortalecimento de ações na perspectiva do desenvolvimento integral e proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde, educação e em outras redes sociais para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos estudantes brasileiros. Essa iniciativa reconhece e acolhe as ações de integração entre Saúde e Educação já existentes e que têm impactado positivamente na qualidade de vida dos educandos. (BRASIL, 2015, p. 07)

É de grande relevância discutir sobre a articulação entre ações de educação e saúde, visando o pleno desenvolvimento do indivíduo, assim, como dito na citação acima, o PSE vem com o intuito de fortalecimento de ações que oportunizem a participação de todos nos projetos de saúde, algo que é extremamente benéfico, principalmente para pessoas que fazem parte do grupo que frequenta a escola pública, pois estamos falando aqui de uma política pública, o que torna ainda mais importante a sua existência, pois visa envolver principalmente as pessoas que normalmente não teriam acesso à saúde e educação de maneira completa. O PSE hoje é,

Uma das principais políticas públicas para a infância e adolescência. Dentre seus componentes destaca-se a avaliação clínica, nutricional, promoção da alimentação saudável, avaliação oftalmológica bem como as ações de educação permanente em saúde, atividade física e saúde, promoção da cultura da prevenção no âmbito escolar e inclusão das temáticas de educação em saúde no projeto político pedagógico das escolas. (MACHADO, 2014, p.01)

Diversos motivos tornam a escola um importante espaço de promoção da saúde, tendo em vista que no espaço escolar é possível observar e lidar livremente com a criança, assim, de acordo com o PSE, as ações desenvolvidas por meio do programa, devem estar em total

articulação com o projeto político pedagógico de cada instituição, ou seja, o PSE não é um documento que vem normatizar as ações trazendo um conjunto de regras, e sim contribuir com o trabalho de todos os atores envolvidos nos processos de educação e saúde. (BRASIL, 2015)

Todas as ações desenvolvidas pelo governo voltadas para a saúde e educação são fundamentais para a formação dos indivíduos, tendo como principal objetivo oportunizar uma melhor qualidade de vida para as pessoas. Níveis de educação mais elevados tem uma relação com uma população mais saudável, e assim existe uma maior capacidade de aprimoramento de saberes. Nesse sentido, a escola tem um grande potencial como espaço de compartilhamento de saberes relacionados a saúde, aí reside a importância da aplicação de ações que partam das propostas contidas no PSE objetivando a promoção da saúde. (LOPES, *et al*, 2018)

Entre as primeiras palavras descritas no caderno norteador do PSE, está explicitada a necessidade de um trabalho articulado começando pelos gestores das áreas de educação e saúde dos estados e municípios, já que trata-se de um programa de adesão e dessa forma a articulação deve começar muito antes das escolas e hospitais. Esse entendimento do que realmente é e como funciona o Programa Saúde na Escola é de suma importância para entender o papel do bacharel em enfermagem dentro dessa proposta. (BRASIL, 2015)

O início do documento que orienta o PSE contém também um conjunto de diretrizes que devem servir de base para aqueles que aderem ao programa. Entre essas diretrizes destaca-se mais uma vez a necessidade de articulação entre redes públicas de ensino e saúde, por meio das ações do Sistema único de saúde. Destaca-se também o respeito as diferenças como um ponto importante, assim como o acompanhamento e cuidado ao longo do tempo. A avaliação dos resultados das ações do programa também devem ser permanentes, pois é a partir da avaliação desses resultados que as ações do programa podem ser melhoradas. (BRASIL, 2015)

Dando um pequeno salto da parte que orienta as ações para o funcionamento do programa nas instituições, chegamos à unidade cinco, que vem descrever as ações do Programa Saúde na Escola, começando pelo seu objetivo descrito da seguinte forma:

O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, de prevenção e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e de jovens da rede pública de ensino. (BRASIL, 2015, p. 19)

Por meio deste trecho retirado do documento, entende-se que a proposta é de uma formação integral da pessoa do aluno, partindo de princípios que incluem educação e saúde como principais pré-requisitos da formação humana, pois é a partir disso que o indivíduo pode

lidar com o enfrentamento de suas vulnerabilidades, principalmente aqueles que necessitam da rede pública de educação e saúde para ter acesso às condições básicas.

Vale ressaltar também que a formação inicial e continuada dos profissionais das duas áreas atuantes do projeto, educação e saúde, são de suma importância e por isso recebem destaque no projeto. Sobre isso, algumas especificações são dadas na unidade oito do documento do PSE, que coloca que essa formação deve ser uma preocupação das três esferas de governo e deve ser constantemente trabalhada visando a aplicação das ações propostas no projeto de maneira satisfatória.

Os anexos do documento trazem, divididos por componentes que organizam os passos da aplicação das ações. O primeiro desses itens descreve a avaliação das condições de saúde, que incluem avaliação do estado nutricional, verificação da situação vacinal, identificação de possíveis doenças, e também descreve critérios para o encaminhamento do indivíduo para uma unidade de saúde. A primeira avaliação passa também pelo desenvolvimento da linguagem, e a saúde bucal, que também fazem parte dos quesitos que devem fazer parte de uma avaliação básica da saúde. Algo muito interessante não só para as crianças com autismo que fazem parte do foco da pesquisa, mas também de todos os indivíduos que compõem de alguma maneira o alvo desse projeto. (BRASIL,2015)

No segundo componente, após citar alguns itens que devem ser alvo de prevenção, chegamos ao ponto onde descreve ações voltadas para a promoção da saúde mental, e tem em seu item “orientações gerais”, a seguinte descrição:

O foco das ações de Saúde Mental no Programa Saúde na Escola está no âmbito da promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos. Dessa forma há uma preocupação em superar o entendimento que a saúde mental relaciona-se com diagnóstico e tratamento de doenças mentais e problemas de comportamento. Assim torna-se imprescindível que a discussão das ações de saúde mental no Programa Saúde na Escola perpassa pelo encontro entre diferentes setores ligados às políticas públicas que estão preocupados com a garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens como escolas, equipes de atenção básica em saúde, centro de referência de assistência social, conselho tutelar, equipes de saúde mental, entre outros. (BRASIL, 2015, p.60)

A intenção desse tópico é a promoção da saúde mental, tendo como foco evitar agravos de possíveis problemas, e levar a criança ao seu pleno desenvolvimento por meio de ações que envolvam família, escola e profissionais de saúde. Sendo necessário também superar a visão reducionista que muitas vezes se instala em torno de pessoas que apresentam transtornos tais como o autismo. Como uma de suas principais intenções destaca-se a garantia dos direitos das crianças adolescente e jovens quando fala em equipes de atenção básica à saúde e educação.

4.2 Enfermeiro no PSE

Aqui, busca-se compreender o papel do profissional de enfermagem dentro do desenvolvimento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Entrar por esse caminho pode ser um pouco delicado, na medida em que não existem tantos estudos que foquem exatamente nesse aspecto. No entanto, não deixa de ser algo elegível de discussão, considerando que o contato entre o enfermeiro e a criança existe e possivelmente tem-se uma relação relevante para este estudo.

Primeiramente, é importante destacar que quando se ingressa no curso de enfermagem, geralmente, não se tem a percepção da amplitude do campo de atuação profissional do bacharel em enfermagem. Isso porque os principais campos de atuação são os hospitais, no entanto, no decorrer do curso e a partir do aprofundamento nos conteúdos e as experiências vivenciadas, o campo de visão é ampliado e assim consegue-se enxergar a realidade sobre os diversos espaços em que o bacharel em enfermagem tem um papel importante.

Ao observar e conhecer esses espaços, foi possível identificar a escola como um ambiente de suma importância, considerando que é o local de formação de diversos aspectos relacionados a saúde de crianças e adolescentes, além de ser também o local onde alguns transtornos são percebidos e encaminhados para os profissionais de saúde, vale ressaltar também que o diagnóstico não é feito na escola. Historicamente a escola mantém sua relação com a área da saúde a bastante tempo, de acordo com Silva e Mialhe (2010, p. 01): “A ideia de uma pedagogia higiênica organizou-se pela primeira vez no Brasil na segunda metade do século XIX, sendo a população-alvo dessa prática as famílias da elite”. Dessa forma, a educação era voltada em grande parte para cuidados em higiene.

Pode-se dizer que, no período que vai do seu aparecimento (como Higiene Escolar) até os anos 40, a Saúde Escolar foi produtora de um mesmo discurso, feito tanto pelo médico, quanto pelo educador ou pelo governo, e esteve baseada nos princípios da eugenia: a higidez dos corpos e da população, o aperfeiçoamento da raça, a correção do mal físico ou moral, o desenvolvimento do senso moral e da inteligência, a formação de cidadãos produtivos e úteis à pátria. (SILVA, 1999, p.31)

Como citado acima, a educação nessa época tinha um caráter de higiene, buscando prevenir doenças que eram epidêmicas na época e também aperfeiçoar a raça. Dessa forma, mesmo que tal conceito de educação atrelado a saúde não seja exatamente aquilo de se espera hoje em dia, a relação entre essas duas extremidades (saúde e educação) existe desde muito

tempo. Cabe colocar também que a educação passou por vários períodos relacionados à saúde, partindo da fase higienista, depois entrando para a fase biologicista onde fatos biológicos eram utilizados para justificar déficits de aprendizagem na escola. Já por volta dos anos 80, surge a ideia de que a saúde escolar, seria uma competência do campo da saúde. (SILVA, ARELARO, 1987 *Apud* COSTA, *et al*, 2013, p.03).

Nota-se que a educação e a saúde estiveram ligadas de alguma maneira há bastante tempo. Hoje entende-se que o desenvolvimento de cada indivíduo não depende de ambientes e características isoladas, pois vários fatores influenciam na formação do ser humano, como coloca Costa, *et al* (2013, p.03) que esses fatores vão desde a educação “passando por condições ambientais, familiares e sociais, alimentação adequada, hábitos saudáveis, construção de conhecimento, condições de lazer e segurança, entre outros”. Por tudo isso, a escola deve ser entendida como um ambiente de interesse à saúde de todos os atores envolvidos no processo educativo.

Assim, sendo a educação uma ferramenta de transformação social, é principalmente por meio dela que se tem a possibilidade de repassar hábitos e conhecimentos relacionados a saúde. O Programa Saúde na Escola, vem exatamente com a finalidade de prestar atenção integral a saúde, por meio de ações de prevenção, promoção e atenção. Nesse período de formação do indivíduo existe a participação de várias pessoas, incluindo principalmente profissionais de educação, família e profissionais de saúde. Neste último grupo citado, entram os enfermeiros, que representam um papel de grande importância como educador em saúde, pois, dentro do programa saúde na escola, o trabalho da enfermagem mantém uma ligação direta com o cuidado e educação em saúde. (COSTA, *et al*, 2013) Vale ressaltar que de acordo com o que foi visto até aqui, pode-se compreender que crianças bem assistidas hoje são os adultos saudáveis de amanhã.

Nesse sentido, o enfermeiro ocupa um lugar importante nas ações do programa aqui discutido, atuando no sentido de preparar a criança para a vida em sociedade na perspectiva da saúde e seus hábitos, tendo também a função de repassar e desenvolver conhecimentos de saúde individual e coletiva, partindo do cenário social em que está inserido. (COSTA, *et al*, 2013). Dessa forma, como aqui tem-se a criança autista como parte do alvo da pesquisa, é preciso considerar as ações do enfermeiro para com a criança autista, tendo como norteador de suas ações o Programa Saúde na Escola, por esse motivo a próxima seção trata do autismo no PSE.

4.3 Autismo no PSE

No Programa Saúde na Escola, as ações que auxiliam o processo de desenvolvimento da criança autista incluem identificação do transtorno e prevenção de agravos, visando a promoção da saúde e o pleno desenvolvimento do indivíduo por meio de ações articuladas entre professores e profissionais de saúde. De acordo com o documento gestor do PSE:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que a promoção da saúde é um processo que objetiva ampliar as possibilidades dos cidadãos de controlar, de forma crescente, os determinantes sociais da saúde e, como consequência, melhorar sua qualidade de vida. Assim, as ações de promoção da saúde visam garantir oportunidade a todos os educandos de fazerem escolhas mais favoráveis à saúde e de serem, portanto, protagonistas do processo de produção da própria saúde, buscando melhoria de sua qualidade de vida. (BRASIL, 2015, p. 25)

A intenção de incluir conceitos relacionados a saúde dentro das escolas é justamente melhorar a qualidade de vida dos indivíduos. E no ambiente escolar torna-se possível atingir um número maior de pessoas pois o enfermeiro tem a oportunidade de ter contato com os alunos em sala de aula, podendo utilizar esse espaço para repassar diversos tipos de informações. Com a criança autista não é diferente, pois a mesma está, ou pelo menos deve estar, inserida no ambiente escolar e a partir disso tanto existe a possibilidade de repassar conhecimentos e hábitos relacionados a saúde para essa criança, como também configura-se em uma oportunidade de levar os demais alunos a compreenderem melhor o transtorno de seu colega.

Vale ressaltar também que a detecção de sinais do transtorno do espectro autista já nos primeiros anos de vida é muito importante na vida de uma pessoa, pois abre a possibilidade dela desenvolver competências que talvez ficassem comprometidas caso não houvesse um acompanhamento adequado.

A identificação de sinais iniciais de problemas possibilita a instauração imediata de intervenções extremamente importantes, uma vez que os resultados positivos em resposta a terapias são tão mais significativos quanto mais precocemente instituídos. A maior plasticidade das estruturas anátomo-fisiológicas do cérebro nos primeiros anos de vida e o papel fundamental das experiências de vida de um bebê, para o funcionamento das conexões neuronais e para a constituição psicossocial, tornam este período um momento sensível e privilegiado para intervenções. Assim, as intervenções em casos de sinais iniciais de problemas de desenvolvimento que podem estar futuramente associados aos TEA podem ter maior eficácia, devendo ser privilegiadas pelos profissionais. Sabe-se que, para fins de diagnóstico, manifestações do quadro sintomatológico devem estar presentes até os 3 anos de idade. (BRASIL, 2014, p.16)

Este trecho foi retirado das Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) (BRASIL, 2014), que traz as ações que devem ser tomadas frente a criança autista. Esclarece que os resultados e as respostas aos tratamentos e

aos estímulos são muito mais evidentes quando acontecem nos primeiros anos de vida da criança, isso porque as estruturas cerebrais da criança apresentam maior “plasticidade”¹ e por esse motivo é um momento privilegiado para a aquisição de novas informações. Assim, o diagnóstico do autismo pode ser efetuado já nos primeiros anos de vida, possibilitando um acompanhamento logo nessa fase. A escola é, portanto, um lugar importante nesse período de infância e adolescência da pessoa autista, e as ações propostas no PSE vem para facilitar e dar subsídios para que profissionais tanto da saúde quanto da educação saibam como agir diante dos desafios que se colocam quando se fala em TEA.

¹ “A plasticidade cerebral faz alusão à capacidade do sistema nervoso para alterar sua estrutura e função ao longo da vida, em resposta à diversidade ambiental. [...] A plasticidade cerebral, ou neuroplasticidade, é a habilidade do cérebro de se recuperar e se reestruturar.” (KOLB, MUHAMMAD & GIBB, 2007, online)

5 O ENFERMEIRO FRENTE A CRIANÇA COM AUTISMO

5.1 Enfermagem e autismo

O desenvolvimento da pessoa com autismo requer um acompanhamento desde muito cedo. Como dito anteriormente, o autismo apresenta sinais já nos primeiros anos de vida, e nesses casos o tempo e o tratamento são fatores cruciais para que a criança possa desenvolver suas capacidades da melhor forma possível. Por ser uma condição permanente, muitos ou a maioria dos indivíduos autistas acabam sendo incapazes de viver de forma independente, porém, algumas ações podem gerar diversas melhorias na qualidade de vida, por isso o tratamento da criança autista deve ser multidisciplinar envolvendo família, escola e principalmente os profissionais da saúde. (ALVES DE MELO, *et al*, 2016)

Assim, a abordagem da criança autista por parte da equipe de enfermagem exige desenvolvimento de habilidades e conhecimentos e estratégias que viabilizem o cuidado individualizado. Tal abordagem requer planejamento e reflexão, para que as ações possam ir de encontro ao grau de autismo que cada criança apresenta, por isso trata-se de um trabalho minucioso pois existem diferentes graus de autismo que devem ser tratados de maneira distinta. Nesse sentido, espera-se que o profissional de enfermagem venha colaborar de forma positiva no acompanhamento do indivíduo com TEA considerando os ambientes em que está inserido. (MAGALHÃES, 2020)

Quando se fala em enfermagem e na sua atuação profissional, é comum pensar em enfrentamento de doenças e acidentes dentro dos centros de saúde, pois essa é a parte que está explícita no discurso relacionado a esse profissional, no entanto deve-se ter sensibilidade para reconhecer a importância daquilo que está nas entrelinhas desse discurso, que envolve a atuação deste profissional em diversas situações, caracterizando um campo de atuação bem mais amplo do que se pode enxergar superficialmente. Como coloca, Cardoso (2012):

Refletir e discutir sobre produção de saúde, a partir das necessidades de saúde, não é inerente ao cotidiano e tampouco fundamenta o processo de trabalho no dia a dia desses trabalhadores, em decorrência do modo fragmentado como este se organiza. Entretanto, uma prática orientada pelas necessidades de saúde poderia subsidiar ações que melhor correspondessem às necessidades de saúde da população pela qual esta UBS é responsável. (CARDOSO, 2012, p. 1089)

O trecho acima foi retirado de um trabalho de pesquisa desenvolvido com os profissionais de uma unidade de saúde específica, e traz algo que se aplica à diferentes realidades tendo em vista que as discussões sobre o acolhimento e cuidado com crianças que sofrem transtornos não são exatamente um assunto diário nos cursos de formação de enfermeiros, pois como dito na citação, relaciona-se a enfermagem ao cuidado da pessoa doente. Assim, torna-se relevante que os profissionais sejam instruídos em práticas orientadas de acordo com as necessidades de saúde de cada pessoa (CARDOSO, 2012). Nesse caso, temos a relação entre o enfermeiro e a criança autista, onde o profissional deveria conhecer meios e métodos que favorecessem a relação e o cuidado com a criança com autismo, pois seu papel, como agente transformador no que concerne à saúde é de suma relevância para o pleno desenvolvimento do indivíduo com TEA.

5.1.2 De onde parte essa relação no âmbito escolar

Até pouco tempo, não havia uma preocupação sobre o papel do enfermeiro na vida da criança autista, tanto é que há poucas referências bibliográficas sobre o assunto para que se possa desenvolver uma pesquisa mais profunda. Por esse motivo, desde o começo pretende-se buscar nas entrelinhas o sentido e de onde vem a necessidade dessa relação. Na escola, entende-se que o aluno estará ali convivendo especificamente com professores e colegas, que também são muito importantes para o seu desenvolvimento, considerando que todos os atores envolvidos de alguma maneira na vida da criança com autismo, tem o seu grau de importância na formação do indivíduo aqui discutido.

Nesse sentido, ao mesmo tempo, a criança com autismo deve ser assistida por profissionais de saúde, e o programa saúde na escola vem oportunizar esse processo de acompanhamento. Existem leis que também ressaltam o direito de acompanhamento, como por exemplo a Lei nº 12.764, que destaca o acesso a serviços e ações de saúde, a fim de dar atenção integral a criança com autismo, além de garantir acesso e permanência na escola, garantindo também as condições para que esse acesso seja possível. (BRASIL, 2012)

Normalmente, não existiria uma relação direta entre enfermeiro e criança autista no ambiente escolar. No entanto, retomando o PSE, encontra-se a abertura para a existência de tal relação. O Ministério da saúde juntamente com o Ministério da educação, tem um guia de sugestões e atividades a serem desenvolvidas nas semanas saúde na escola, baseadas no caderno gestor do PSE. Essas atividades vem dar subsídios para uma aproximação entre profissionais

de saúde e crianças na escola, pois propõem atividades que envolvem diversos temas relacionados a saúde, e nesse processo de realização dessas atividades torna-se possível a aproximação e a construção de uma relação entre o profissional de enfermagem e a criança autista, pois muitas dessas ações que aparecem no guia devem ser orientadas por enfermeiros. (BRASIL, 2012)

(...) existe conhecimento adequado que ajuda os profissionais para melhor compreensão do autismo como fatores psicossocial, a compreensão da linguagem verbal e não verbal, Transtorno do Espectro Autista, entre outros. Há pouca informação quanto a dar assistência de enfermagem aos portadores de autismo e aos familiares. Destacam, também, que a enfermagem tem um papel importante nas intervenções, porém é necessário ter responsabilidades para avaliar diagnóstico precoce de autismo, de maneira a diminuir os sofrimentos da pessoa portadora de autismo e os seus familiares. (CAVALCANTE, 2016, p. 1786)

Assim, nota-se que o profissional de enfermagem tem conhecimento sobre as características da pessoa autista, conhecendo as peculiaridades dos transtorno. No entanto, há pouca formação no que concerne à assistência quando se fala em acolhimento, abordagem, convivência, etc. Ou seja, é preciso melhorar na parte do “como agir” diante da criança autista para que os momentos de convivência sejam aproveitados da melhor maneira na construção dessa relação. (CAVALCANTE, 2016)

5.2 Autismo na Escola: Um apanhado geral do que nos trouxe a atual situação.

Com tudo que já foi exposto até agora, não se pode deixar de lado a experiências vivenciadas pela criança autista na escola, mas primeiramente é preciso compreender as características deste transtorno para que seja possível entender porque se caracteriza como um desafio para todos os envolvidos no processo de acompanhamento da pessoa com autismo. A discussão em torno dos transtornos mentais tem sido cada vez mais frequentes nos diversos setores da vida social, e o autismo está dentro dessas discussões, tendo em vista que de acordo com a Brasil (2019, p.08): “o país (Brasil) deve ter” ou “pode ter” aproximadamente 2 milhões de pessoas com autismo, segundo estimativas globais da ONU de 1% da população ser autista, aproximadamente”, mesmo assim, não há um número exato, já que a população vem crescendo e conseqüentemente a descoberta dos casos de autismo.

Parafraseando Mello (2013, p.13) autismo foi citado pela primeira vez por um médico austríaco chamado Leo Kanner em 1943, nos Estados Unidos, e mais tarde, a síndrome seria descrita de uma forma bem parecida por outro médico austríaco chamado Hans Asperger, em

1944. Ambos não tiveram contato, porém suas descrições sobre o transtorno foram muito semelhantes, dessa forma, pode-se dizer que a descoberta partiu de ambos os médicos.

Ainda de acordo com a autora, quase dezoito anos depois, no ano de 1961, durante uma entrevista à BBC de Londres, no programa “Women’s Hour”, Helen Allison falou sobre seu filho autista. E mesmo depois de tanto tempo da sua descoberta, o autismo ainda era pouco conhecido na época, o que levou a uma onda de cartas enviadas a entrevistada, vindas de diversas pessoas que também tinham filhos com essa deficiência.

Todo o impacto causado por essa entrevista refletiu em ações que levaram a criação da NAS (National Autistic Society), fundada em 1962, pelos pais que demonstraram interesse na entrevista. A NAS teve como primeiros objetivos criar centros de apoio que atendessem crianças e adultos, além de criar um serviço de informação para os pais (MELLO, 2013).

No Brasil, a primeira associação voltada exclusivamente para pessoas autistas foi a AMA (Associação de Amigos do Autista). Também não foi um caminho fácil, a primeira reunião do grupo aconteceu em um consultório psiquiátrico, onde os pais teriam que encontrar seu próprio caminho para lidar com as dificuldades de seus filhos. Em 1983, esta associação foi oficialmente registrada (MELLO, 2013).

Os anos que se seguiram, foram de muito trabalho e diversas ações desenvolvidas pelos integrantes da associação, todas essas ações estão muito bem descritas e detalhadas no livro “Retratos do autismo no Brasil”, escrito pelas autoras Ana Maria Serrajordia Ros de Mello, Maria América Andrade, Helena Chen Ho e Inês de Souza Dias, no ano de 2013, do qual foi retirado esse pequeno resumo do percurso histórico do autismo. Com tudo, foi possível abrir uma escola para atender crianças autistas, dessa forma associação foi crescendo, até que conseguiram colocar uma propaganda em um canal de TV aberta, o que possibilitou o alcance de ainda mais pessoas. Dessa forma, a AMA tornou-se conhecida, e encorajou mais pais a procurarem ajuda (MELLO, 2013).

Iniciar uma discussão sobre o autismo pede primeiramente que conheçamos realmente de que se trata esse transtorno, assim, de acordo com o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria, o transtorno do espectro autista caracteriza-se pela dificuldade de interação e comunicação, também pela presença de interesses e comportamentos repetitivos, que podem ser restritos. Dessa forma, o indivíduo apresenta resistência a interação social, sendo esse um dos sintomas bastante notáveis, além dos comportamentos repetitivos. No entanto esses sintomas podem variar em grau de intensidade de pessoa para pessoa (BRASIL, 2019).

O TEA manifesta sintomas nos primeiros anos de vida, que diferem de pessoa pra pessoa, e pode-se dizer ainda que o desenvolvimento do transtorno não acontece da mesma forma em todas as pessoas, pois podem aparecer sintomas já nos primeiros dias de vida, já em outras as características só vão ser realmente identificadas entre os 12 e 24 meses. Com isso, o Manual do qual vieram essas informações, critica o fato de o diagnóstico do TEA só ser dado realmente entre os 4 e 5 anos de idade. Essa crítica tem origem no reconhecimento da necessidade de um tratamento precoce que resulta em ganhos muito mais significativos para o desenvolvimento da criança, e até pode evitar o total desenvolvimento do transtorno (BRASIL, 2019).

É bastante compreensível que seja criticada a lentidão no diagnóstico e tratamento da pessoa autista, tendo em vista que um dos pontos mais destacados no livro “Retratos do autismo” era exatamente o temor pelo futuro dos filhos autistas, futuro esse que torna-se cada vez mais incerto quando não se tem um tratamento que melhore as condições o faça realmente desenvolver-se de forma plena. Segundo Magalhães (2020, p.543)

(...) a variabilidade dos sintomas e a intervenção terapêutica interfere na qualidade de vida individual e familiar pois, a comunicação e as relações sociais desempenham um papel importante na saúde emocional do indivíduo. No processo de diagnóstico do TEA utiliza-se a observação, a entrevista com os pais, a anamnese, a exclusão de outras doenças e sobretudo, o diagnóstico clínico, que depende da observação do comportamento da criança e das queixas da família.

A saúde emocional é de fundamental importância para o desenvolvimento do autista, na medida em que interfere diretamente nos sintomas do transtorno e na evolução do seu quadro, por isso torna-se tão essencial uma intervenção terapêutica que envolva todos os atores que fazem parte do seu processo de crescimento. A partir do caminho descrito na citação acima, é que se chega ao diagnóstico do TEA, de forma que a participação da família é também fundamental para identificar desde cedo as manifestações do autismo na criança.

O Manual de Orientação: Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2019, p.02) pontua algumas características possíveis de ser identificadas nos primeiros anos de vida da criança, que caracterizam a presença do transtorno, são elas:

- perder habilidades já adquiridas, como balbúcio ou gesto dêitico de alcançar, contato ocular ou sorriso social;
- não se voltar para sons, ruídos e vozes no ambiente;
- não apresentar sorriso social;
- baixo contato ocular e deficiência no olhar sustentado;
- baixa atenção à face humana (preferência por objetos);
- demonstrar maior interesse por objetos do que por pessoas;
- não seguir objetos e pessoas próximos em movimento;
- apresentar pouca ou nenhuma vocalização;

- não aceitar o toque;
- não responder ao nome;
- imitação pobre;
- baixa frequência de sorriso e reciprocidade social, bem como restrito engajamento social (pouca iniciativa e baixa disponibilidade de resposta)
- interesses não usuais, como fixação em estímulos sensório-viso-motores;
- incômodo incomum com sons altos;
- distúrbio de sono moderado ou grave;
- irritabilidade no colo e pouca responsividade no momento da amamentação;

Assim, a identificação dessas manifestações comportamentais é fundamental para o diagnóstico. No entanto, vale ressaltar que em alguns grupos a identificação e o tratamento do transtorno não chegam da forma que deveria, devido a condições sociais. Por isso é importante destacar a importância de ações voluntárias, e dar o devido valor a diferentes formas de propaganda que tenham como objetivo levar informações sobre o TEA o mais longe possível. (BRASIL, 2019)

Mais uma característica do transtorno em discussão, é o fato de sua manifestação ser mais recorrente em meninos do que em meninas, e que na maioria das vezes está relacionado a outros transtornos psiquiátricos e condições médicas, além de dificuldades motoras. Assim, inúmeros sintomas podem apresentar-se inicialmente ou durante a evolução do quadro do paciente. Dessa forma, de acordo com Brasil (2019, p.03): “Quando é detectado qualquer atraso, a estimulação precoce é a regra. Retardar a estimulação significa perder o período ótimo de estimular a aquisição de cada habilidade da criança”. Nesse sentido, há um longo caminho a ser percorrido por todos os envolvidos na vida e no tratamento de um indivíduo com TEA, pais, profissionais de saúde e profissionais de educação, são peças fundamentais no desenvolvimento dessas pessoas, assim, torna-se extremamente relevante conhecer e discutir essa relação.

As primeiras instituições que o indivíduo autista frequenta são, possivelmente, o hospital e a escola, consultórios médicos fazem parte de sua vida, e por isso o contato com o profissional da enfermagem certamente acontece. E o contato com o ambiente escolar, por ser fundamental no seu desenvolvimento, deve existir desde os primeiros anos de vida. No entanto, muitas vezes, esse é um contato difícil, caracterizando uma relação até mesmo conflitante. De acordo com Magalhães (2020, p.543):

Entende-se que ao profissional de enfermagem cabe colaborar de forma positiva no acompanhamento da criança durante a consulta, não se restringindo a análise do crescimento e desenvolvimento. Nessa perspectiva de acolhimento e integralidade do cuidado a equipe de enfermagem deve saber como atuar perante a criança, família e comunidade.

Ou seja, o enfermeiro tem um papel importante não só no que tange ao diagnóstico e a cuidados clínicos de maneira impessoal, para além disso a sua atuação deve preocupar-se com o acolhimento, considerando o desenvolvimento integral e o cuidado de maneira que represente uma certa segurança a família da criança, pois na maioria das vezes a família tende a sentir-se perdida quando se encontra em uma situação nova como a presença de um autista em seu convívio.

Além disso, na escola normal, outra questão merece atenção, o fato de os alunos com autismo não estarem sozinhos no ambiente, pois o ambiente escolar recebe outras crianças com TEA ou não. A falta de um acompanhamento específico pode tornar ainda mais difícil essa convivência. Não é exagero dizer que nem todos os profissionais da saúde e da educação sabem lidar diretamente com o autismo. Não é questão de desinteresse por parte dos profissionais, tal falta de tato deve-se em grande parte a formação, que não instrui totalmente os profissionais com relação aos métodos que deve utilizar quando se trata de lidar com crianças que apresentam alguma síndrome ou transtorno. (SOUSA, 2015)

Primeiro, pensemos na relação da criança autista com a escola, onde sabemos que a mesma precisa de estímulos contínuos que favoreçam o seu desenvolvimento, além disso o acompanhamento diário é fundamental. Existe uma lei por nome de Berenice Piana nº 12.764, 27 de dezembro de 2012, onde, no artigo 3º do inciso IV, descreve direitos da pessoa com autismo, destacando o acompanhamento e o ensino profissionalizante para as pessoas com transtorno do espectro autista.

Vale ressaltar que não é interessante para a criança com autismo que a separação entre profissionais de educação e profissionais de saúde seja alimentada, sendo necessária uma relação de colaboração entre todos os envolvidos no processo de cuidar e educar. De acordo com Sousa (2018, p.164):

Perante à necessidade de acompanhamento e cuidado à criança autista, a enfermagem dispõe de todo conhecimento prático e científico para auxiliar as crianças com autismo a tornarem-se indivíduos ativos na construção de sua vida e de sua independência. A enfermagem, no contexto de educar, pode atuar na educação especial promovendo o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência em todo o aspecto biopsicossocial.

Dessa forma, o desenvolvimento da pessoa autista, depende não só do trabalho isolado de um profissional de cada área, mas em grande parte da junção desses esforços, principalmente se considerarmos que quando se fala em autismo não se trata somente de uma dificuldade de aprendizagem, mas refere-se também a outras comorbidades que envolvem ansiedade, as vezes epilepsia, distúrbios do sono, entre outras.

Cabe pontuar que o enfermeiro não tem o espaço escolar como um de seus espaços de atuação principal, por isso torna-se ainda mais complicado uma relação de trabalho interligada entre os atores envolvidos no processo de desenvolvimento da pessoa autista. Nesse caso temos o Programa Saúde na Escola, que visa articular esses dois polos (hospital e escola) a fim de favorecer o pleno desenvolvimento do aluno/paciente. (SOUZA, 2018)

6 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

6.1 O autismo e a família

O processo de cuidado e acompanhamento da criança autista está vinculado também a assistência à família desse indivíduo. Vários fatores devem ser levados em consideração no desenvolvimento do autista, e a família e tudo aquilo que ela representa é de fundamental importância, pode-se dizer que é um papel decisivo na vida da criança. Primeiramente é preciso considerar o impacto que o diagnóstico do autismo em uma criança representa para uma família, considerando que é uma doença crônica e que a pessoa que a tem, provavelmente, necessitará de acompanhamento durante toda a vida.

Tais preocupações são em grande parte relacionadas ao que poderão fazer por essa criança, considerando também o futuro da mesma, pois como já se sabe a pessoa com autismo não terá a presença dos pais para sempre, sendo assim os cuidados ao indivíduo seriam deixados por conta de terceiros. É como se alguns pais desejassem morrer depois dos filhos para que estes não ficassem sozinhos, o que aumenta o sentimento de culpa e impotência, mesmo que essa “culpa” não exista (NOGUEIRA, 2011).

Assim, pode-se dizer que diversos sentimentos estão presentes quando se trata do reconhecimento da criança autista. No entanto, as reações dependem muito de como as pessoas são tratadas quando procuram ajuda e esclarecimentos sobre a questão, por isso é muito importante que o profissional de enfermagem esteja preparado para lidar com essas pessoas da maneira menos traumática possível. Famílias de pessoas com deficiência enfrentam desafios para os quais não estavam preparadas (SILVA, 2009).

Desde o nascimento, os pais já fazem planos e idealizam uma série de situações para aquela criança. Eles se preocupam com tudo o que é possível fazer para que aquele "serzinho" frágil e minúsculo possa ter um futuro feliz e se tornar uma pessoa "de bem". Cada criança é um mundo que desabrocha a nossa frente. (SILVA, 2012, p.38)

Assim, o fato de uma criança nascer e ser permanentemente dependente causa bastante impacto. A culpa existe, mesmo que erroneamente, pois por muito tempo alguns profissionais fizeram a sociedade acreditar que tal transtorno devia-se também a falta de interação das mães com a criança, o que ocasionaria o autismo, assim, os pais poderiam achar que falharam no processo educacional (SILVA, 2012).

Tal concepção que um dia foi plantada é bastante equivocada, pois apesar da interação dos pais fazer bastante diferença para a formação dos filhos, não é a falta dela que faz um indivíduo desenvolver o autismo. Por esse motivo, conhecer mais sobre o transtorno é essencial para que o sofrimento da família seja minimizado o máximo possível. Quando se conhece realmente como funciona e quais as verdadeiras limitações e as possibilidades de superação das mesmas, o medo existente no momento da descoberta do diagnóstico começa a ser dissipado, e passa-se para a fase de buscar os melhores meios para tratar o indivíduo. Nesse sentido, pode-se compreender ainda mais a importância do profissional de enfermagem e que este tenha tato para saber orientar os familiares da criança com autismo (PINTO, *et al*, 2016).

Passado o período do impacto, vem a parte da convivência. A rotina familiar tende a sofrer profundas mudanças devido a atenção e aos cuidados mais voltados para a criança, e, de acordo com algumas pesquisas, a necessidades de deixar de lado a carreira profissional. O que traz consigo um certo comprometimento financeiro, pois além de a carreira profissional ser deixada de lado por uma das partes (pai ou mãe), são adicionados às despesas os gastos com os tratamentos e medicamentos para a criança (HOFZMANN, *et al*, 2019). A caminhada pode ser árdua, e cheia de desafios pelo caminho, mas também cheia de aprendizado, adquirido a partir do convívio com a criança e por meio da busca de informações, pois os pais, inevitavelmente, passam a buscar conhecimentos sobre o transtorno visando contribuir com o desenvolvimento dos filhos, e assim, os demais familiares acabam conhecendo melhor sobre o TEA. Pequenas conquistas diárias também fazem parte da convivência com pessoas com autismo, pois presenciar o desenvolvimento da criança e seus avanços são vitórias que podem ser incluídas no processo de aprendizado dos pais (HOFZMANN, *et al*, 2019).

A pessoa autista também pode apresentar um super desenvolvimento de algumas características comuns, as vezes podem apresentar uma inteligência acima da média, algo que os pais também podem apresentar certa dificuldade em lidar, mas que também traz aprendizado para os mesmos (HOFZMANN, *et al*, 2019). A perspectiva de futuro vem carregada de incertezas, por isso, os pais tendem a buscar meios para que a criança tenha amparo no futuro, nesse momento, pode-se retomar como exemplo os esforços da AMA (Associação de Amigos do Autista), composta por pais empenhados na busca por um mundo melhor para a pessoa com autismo (MELLO, 2013).

Não se pode ignorar as dificuldades em ter um filho autista, pois afeta diretamente inúmeros aspectos na vida dos pais, como trabalho, saídas, convivência com amigos e com o restante da família. Obviamente alguns dias serão melhores que outros, mas não se pode

desconsiderar a transformação de um modo geral, levando em conta que algumas pessoas tendem a se afastar pois também existe a questão da aceitação. A introversão da criança autista faz com que ela não se sinta bem em qualquer lugar, a dificuldade em se relacionar é um sintoma característico do indivíduo com TEA.

6.2 Desafios, autismo e superação: PSE como guia para o enfrentamento de conflitos.

Para iniciar essa discussão é preciso destacar primeiramente que não há artigos ou livros que simplesmente digam como utilizar o documento gestor do PSE e as suas propostas para o enfrentamento de questões relacionadas a educação e saúde. O documento está lá, e o que contem nele pode ser muito bem utilizado caso haja realmente uma articulação das partes envolvidas no processo. No entanto, aqui, fala-se em observar e entender os desafios relacionados ao convívio e aos cuidados com a criança autista que pais, professores e profissionais de saúde enfrentam no decorrer de suas vidas.

Pelo que foi exposto até aqui, percebe-se que a convivência com uma pessoa com autismo é sempre cercada de desafios, assim como também é marcada por pequenas conquistas diárias. Assim, é preciso estar sempre buscando conhecer mais sobre o transtorno para que seja possível cuidar de uma criança que o tenha. Podemos notar também que o diagnóstico e os cuidados precoces são fundamentais para que o tratamento seja realmente efetivo no que diz respeito a dar uma melhor qualidade de vida para a pessoa.

Sabe-se, entretanto, que há uma incipiência de conhecimento dos profissionais de enfermagem em relação ao autismo infantil, principalmente no que tange à etiologia, à identificação de sinais e intervenções terapêuticas. A razão disso é o fato de esse tema não ser abordado na graduação, o que implica em sentimento de impotência por parte do profissional, assim como em uma assistência fragilizada a quem necessita desse cuidado. (OLIVEIRA, *et al*, 2019, p. 02)

Essa lacuna de conhecimentos durante a formação tende a ser uma das maiores fontes de desafios para os profissionais de enfermagem que trabalham com crianças autistas. Obviamente, existem outros desafios decorrentes de questões relacionadas a criança em si, pois o autismo é um transtorno carregado de surpresas e descobertas constantes. No entanto, fica bem mais difícil para um profissional de saúde atender a um paciente sem ter a gama de conhecimentos necessária para lidar com o indivíduo que necessita de acompanhamento. Não se pode esquecer também dos professores, que são aqueles que também estão envolvidos

diretamente com o desenvolvimento da criança autista. Estes também precisam de conhecimentos e ações adequadas para que possam contribuir com a situação em questão.

Vários pontos precisam ser aperfeiçoados quando se fala na relação entre professores, família e profissionais de saúde. De acordo com uma pesquisa desenvolvida por Nogueira (2011), ao observar a postura de alguns enfermeiros em relação a criança com autismo e a família da mesma, foi possível identificar, principalmente, uma postura de negligência.

Observando a fundo a situação e interpretando melhor a posição de cada pessoa na vida de uma criança com autismo, pode-se notar que essa negligência não existe por maldade, e sim por falta de uma preparação durante o curso de formação, tendo em vista que quanto mais um profissional de saúde conhece sobre um determinado problema, maiores serão as suas possibilidades de conseguir colaborar. (NOGUEIRA, 2011)

Assim, apesar dos inúmeros desafios que começam no seio familiar, no momento em que os pais descobrem que tem um integrante autista na família, essas dificuldades podem ser superadas se houver um trabalho em equipe. Esse trabalho de colaboração deveria ser trabalhado desde muito cedo nos cursos de formação de bacharéis em enfermagem, já que muitos desses profissionais saem do período de formação ainda se sentindo impotentes diante de algumas situações que envolvem o cuidado com crianças autistas.

Em contrapartida, o papel do enfermeiro é fundamental quando se fala na resolução de problemas relacionados aos agravos a saúde que podem aparecer durante uma consulta, por isso, é fundamental que o enfermeiro não perca de vista que o seu papel é também de servir como um elo entre as questões relacionadas a saúde e a família da pessoa com autismo, a fim de agir como um facilitador nessa jornada. (ANJOS, 2019)

Dito isso, pode-se estabelecer uma relação concreta com o Programa Saúde na Escola, na medida em que o enfermeiro compreende o seu papel de modo geral, passa a entender também quais as ações possíveis dentro do programa. Nesse sentido, o trabalho do enfermeiro perpassa o trabalho dentro dos centros de saúde e com a família, chegando até o âmbito educacional por meio do PSE, e é nessa perspectiva que esse profissional tem a possibilidade de fazer a diferença na vida da criança autista.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso de análise e exposição das ideias neste estudo, pode-se perceber que a articulação entre profissionais de saúde e profissionais da educação é fundamental para o alcance dos objetivos do PSE. No entanto, os indivíduos que cercam a criança com autismo ainda estão longe de uma articulação realmente satisfatória. Nesse sentido, há um longo caminho a ser percorrido por profissionais de saúde, educação e familiares da criança autista, para que os resultados sejam realmente satisfatórios.

A pesquisa desenvolvida aqui oportunizou o reconhecimento dos desafios enfrentados pelas pessoas que convivem com a criança com autismo. E pode-se perceber que os enfermeiros precisam conhecer melhor as características do TEA durante a sua formação, para que quando cheguem nas situações em que precisem atuar saibam que atitudes tomar diante dos desafios que o acompanhamento a pessoas com transtornos mentais pode representar.

Além disso, é preciso considerar que os pais de crianças com autismo precisam de apoio tanto quanto o próprio indivíduo com o transtorno. Pois para os pais é uma situação completamente nova quando um filho é diagnosticado com autismo. É normal que haja certo estranhamento e até mesmo um sentimento de culpa e negação, como foi exposto na discussão teórica. A presença do enfermeiro poderia contribuir bastante nessa parte, no sentido de auxiliar os pais no cuidado a criança.

Vale ressaltar também o ambiente escolar, que é um importante espaço na vida da criança com autismo, sendo um local onde a criança passa grande parte do seu tempo. A existência de uma pessoa com transtorno do espectro autista em uma sala de aula representa um grande desafio para os profissionais da educação, e também pode ser algo bastante diferente para os colegas. O PSE pode contribuir bastante nesse cenário, aparecendo como um importante articulador de ações, trazendo ações de saúde para dentro do âmbito escolar, gerando um ambiente mais acolhedor para todos os envolvidos na vida da criança autista.

Diante de tudo que foi exposto, percebe-se que o bacharel em enfermagem precisa de uma formação mais aprofundada no que diz respeito a orientação e cuidados com a criança autista. É importante que esse profissional entenda também a importância de articular suas ações com as outras instituições das quais a criança faz parte (escola e família). A formação em enfermagem deve buscar ultrapassar os limites dos cuidados com o corpo físico, e passar a se preocupar também com a aquisição de uma postura mediadora no que diz respeito aos cuidados à pessoa com autismo.

REFERENCIAS

ALVES DE MELO, Camila. **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo**. Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, Volume 02, Número 2, Dez. 2016.

ANJOS, Maria De Fátima Silva dos. **Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. UNICEPLAC, Brasília/DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de atenção básica**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde e Ministério da Educação. **Caderno Gestor do PSE**. Brasília; Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Congresso Nacional. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 10 de Setembro de 2020

BRASIL. Ministério da Saúde, Ministério da Educação. **Semana Saúde na Escola: Guia de sugestões de atividades**. Brasília, 2012.

BRASIL. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de Orientação: Transtorno do Espectro do Autismo**. Nº 05, Abril de 2019

CARDOSO, Tauani Zampieri. Processo de trabalho de auxiliares e técnicos de enfermagem na atenção Básica à Saúde. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília 2011.

CAVALCANTE, Amanda de Sousa. **A assistência do enfermeiro à pessoa portadora de autismo: Uma revisão integrativa**. Simpósio de TCC e Seminário de Ic – Anais / 2016.

COSTA, Gilberto Martins. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi – TO. UNIRG; Av. Rio de Janeiro. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.6, n2, Pub.6, Abril/ 2013.

DEMARZO, M. M. P.; AQUILANTE, A. G. **Saúde Escolar e Escolas Promotoras de Saúde**. In: PROGRAMA de Atualização em Medicina de Família e Comunidade. Porto Alegre, RS: Artmed: Pan-Americana, 2008. v. 3, Apud, BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de atenção básica**. Brasília, 2009.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa; PERONDI, Márcia; MENEGAZ, Jouhanna; LOPES, Soraia Geraldo Rozza; BORGES, Dayanne da Silva. **EXPERIÊNCIA DOS FAMILIARES NO**

CONVÍVIO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). Enferm. Foco/ 2019.

JUNIOR, Francisco Paiva. **Quantos autistas há no Brasil?** Revista Autismo/ 01/03/2019. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/geral/quantos-autistas-ha-no-brasil/#:~:text=O%20que%20podemos%20%C3%A9%20dizer,habitantes%20em%20agosto%20de%202018>. Acesso em: 30/09/2020

KOLB, B., MUHAMMAD, A., & GIBB, R., **Em busca de fatores subjacentes à plasticidade cerebral no cérebro normal e lesado.** Journal of Communication Disorders, 2011. Disponível em: <https://www.cognifit.com.br/plasticidade-cerebral/#:~:text=A%20neuroplasticidade%2C%20ou%20plasticidade%20neural,se%20recuperar%20e%20se%20reestruturar>. Acesso em: 24/05/2021.

LOPES, Iraneide Etelvina, NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé, ROCHA, Dais Gonçalves. **Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa.** Saúde debate/ RIO DE JANEIRO, V. 42, N. 118, P. 773-789, JUL-SET 2018.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa. **Programa saúde na escola: Estratégia promotora de saúde na atenção básica no brasil.** Journal of Human Growth and Development, 2015.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Revista eletrônica trimestral de Enfermaria/ Enero 2020.**

MELLO, Ana Maria S. Ros de; Andrade, Maria América; Ho, Helena; Souza Dias, Inês de. **Retratos do autismo no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: 2013

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 5/ JUN., 2011**

OLIVEIRA, Ana Carolina Araújo de; MORAIS, Rita de Cássia Melão de; FRANZOI, Mariana André Honorato. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Rev. baiana enferm.** 2019

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz; TORQUATO, Isolda Maria Barros; COLLET, Neusa; REICHERT, Altamira Pereira Silva; SOUZA NETO, Vinicius Lino; SARAIVA, Alynne Mendonça. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev Gaúcha Enferm.** 2016

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta paul. enferm. vol.20 no.2 São Paulo Apr./June 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001#:~:text=Os%20artigos%20de%20revis%C3%A3o%20narrativa,de%20vista%20te%C3%B3rico%20ou%20contextual. Acesso em: 01/05/2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **MUNDO SINGULAR: Entenda o Autismo.** Fontanar/ 2012.

SILVA, Cristiane Maria da Costa & MIALHE, Fábio Luiz. **Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas.** Ciênc. saúde coletiva vol.15 no.5 Rio de Janeiro Aug. 2010.

SILVA, TRN, ARELARO, LRG. **Orientações Legais na área de currículo, nas esferas federal e estadual, a partir da Lei 5.692/71.** Cad. Cedes. p 13, 1987. Apud, COSTA, Gilberto Martins. **A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em**

saúde em uma escola municipal de Gurupi – TO. UNIRG; Av. Rio de Janeiro. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.6, n2, Pub.6, Abril/ 2013.

SILVA, Lea de Lourdes Calvão da. **A saúde escolar em Campo Grande/MS: Seu discurso, suas promessas.** UNICAMP – FE. Campinas – SP. 1999.

SILVA, Scheila Borges da. **O autismo e as transformações na família.** Itajaí/SC, 2009.

SOUSA, Maria Josiane. **Professor e o autismo: Desafios de uma inclusão com qualidade.** Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB, 2015.

SOUSA, Bruna Sabrina de Almeida. **A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.** Revista Saúde e Pesquisa, v. 11, n. 1, janeiro/abril 2018.

VASCONCELOS EM. Participação popular e educação nos primórdios da saúde pública brasileira. In: Vasconcelos EM, organizador. *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede educação popular e saúde.* São Paulo: Hucitec; 2001